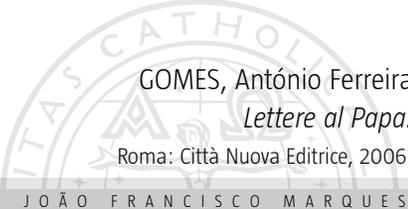

tendo o Apostolado da Oração uma dinâmica muito própria – e, segundo se diz, uma enorme projecção, com milhares de adesões – teria sido fundamental conhecê-lo melhor.

Em síntese, José Carvalho percorreu atentamente as páginas de *O Novo Mensageiro*, mas só elas. Descobriu os temas essenciais, realizou uma análise de conteúdo profunda e que cobre diversos tópicos. A partir desta obra, ficámos sem dúvida, a conhecer melhor aquela que foi a mais importante publicação dos jesuítas no período final da Monarquia. Trata-se, por conseguinte, de um contributo interessante, que enriquece a historiografia contemporânea, sem prejuízo das lacunas atrás apontadas a título meramente ilustrativo. Na última página do texto (p. 207), o autor alude à possibilidade de realizar um próximo estudo sobre a I República. Esperemos que o faça rapidamente e que, dado o ritmo vertiginoso da sua produção, consiga ir corrigindo de livro para livro as fragilidades que toda a sua obra de historiador ainda revela.



GOMES, António Ferreira

Lettere al Papa.

Roma: Città Nuova Editrice, 2006*

J O Ã O F R A N C I S C O M A R Q U E S

A experiência pastoral da figura carismática e controversa de D. António Ferreira Gomes (1906-1989), bispo do Porto, decorreu uma década durante a ditadura de Salazar, outra no exílio, coincidente com o Concílio Vaticano II, e a última, acompanhando o regime democrático, que a Revolução de 25 de Abril de 1974 restituiu a Portugal. Foram tempos privilegiados para acumular um riquíssimo conhecimento dos homens, da política e da reacção da igreja, indígena e universal, face aos proclamados e novos sinais dos tempos. Em época assim agitada por rápidas transformações, sociais, económicas e culturais, emergem as reflexões condensadas nestas *Cartas*, de facto controversas e proféticas, a traduzirem em pleno o carácter da sua personalidade de eleição. Amadurecidas longamente e escritas (1982-1985) no seu retiro de prelado resignatário entrado na velhice da jurisdição episcopal e, por isso, já habitando « l'univers de clarté et de

* Esta é a edição italiana de uma obra previamente editada em Portugal: GOMES, António Ferreira – *Cartas ao Papa*. Porto: Figueirinhas Editor, 1986. 317 p.

verité », na feliz expressão da sábia helenista Jacqueline de Romilly, são, justamente, uma espécie de *temoignage-testament*, em forma de audaciosas cartas-abertas. Dirigidas ao Papa, na presença do povo de Deus, sobre o que, trazido por ondas de doutrinas e de eventos, divide o mundo eclesial, reflectem a angústia de se não deparar a solução mais desejada. O conteúdo essencial é, como sem timidez declara, a apresentação pública de problemas cruciais para a humanidade, cada vez mais laicizada, a exigir novos concílios ecuménicos em que a igreja veja e analise o mundo, de forma apostólica e actual, indo ao encontro do desafio lançado pela pós-modernidade. Por vezes, alguns destes 15 capítulos soam a longos ensaios histórico-literários e filosófico-teológicos inspirados pelo instinto de uma “pastoral da inteligência”, voltada para o diálogo cultural. Se não cedem, o que até seria compreensível, à tentação do memorialismo, não deixam, no entanto, de ser polvilhados com referências autobiográficas exemplificativas, contendo mesmo uma reveladora versão pessoal da forma como foi divulgada, à margem da sua vontade, a célebre carta enviada a Salazar (1958) que lhe acarretou o forçado exílio mercê das manobras de má-consciência do ditador português. As citações doutrinárias do Vaticano II só pedem meça às frequentes referências ao pensamento do teólogo alemão Karl Rahner, para si o mais credenciado *compagnon de route* nas convergências com as perspectivas sobre as opções a serem tomadas pelo supremo magistério oficial. A invocação dominante da colegialidade episcopal, e quase metade destas reflexões têm-na por centro, mostra como estas cartas constituem alertas ao episcopado indígena tradicionalmente acomodado à tutela da razão de estado, sem força colegial capaz de se opor em causas que envolviam os direitos da pessoa humana. Vinca o seu Autor a necessidade de haver uma opinião pública da igreja que entende ser um objectivo premente. Não se furta a abordar certos temas actuais, a que a sociedade política é sensível, como o diálogo com a cultura, a vida cívica, o estado providência, o armamento nuclear e a isenção religiosa, enfrentando-os com sagacidade e audácia. O episcopado considera-o como a entidade substancial da igreja, chegando a ponto de sustentar que esta ou é diocesana ou não é igreja. No *avant-propos*, firmado pelo bispo auxiliar de Lisboa, que acompanhou no regresso ao Porto o prelado Ferreira Gomes e, por isso, se situa na linha dos poucos que são capazes de proporcionar uma melhor exegese do seu pensamento, D. Carlos Moreira Azevedo insiste nos dois vectores que o definem: o ser uma leitura inovadora da tradição portuguesa e um pertinente diálogo com a cultura contemporânea. No fundo, esta obra, conscientemente escrita “à maneira de testamento espiritual”, constitui uma proposta desassomburada de uma voz responsável vinda do interior da igreja, traduzida num punhado de reflexões a conhecer e ponderar por quantos apostam e ainda acreditam na construção de um mundo melhor sob o signo de um catolicismo renovado.